

**O 'KEPOS' EPICURISTA: A UTILIDADE DA FILOSOFIA E SUA
RELAÇÃO COM O CONHECIMENTO E A FORMAÇÃO DO HOMEM
FELIZ**

**EPICURIST KEPOS: THE UTILITY OF PHILOSOPHY AND ITS
RELATION TO THE KNOWLEDGE AND TRAINING OF HAPPY MAN**

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/notandum.vi51.50054>

BORDIN, Reginaldo Aliçandro¹
PEREIRA, José Aparecido²

Resumo

Este texto tem o propósito de refletir sobre o pensamento de Epicuro de Samos, a partir da compreensão dele de filosofia e sua relação com o conhecimento e a felicidade. Em seu Jardim, o *kepos*, Epicuro defendeu o pressuposto de que a filosofia é útil na medida em que ela proporciona os meios para garantir a quem a pratica a felicidade. Esta é compreendida como ausência de sofrimentos, especialmente aqueles oriundos de nossas opiniões erradas sobre a ação dos deuses, a morte e a dor. Por isso, o mestre do Jardim propôs a filosofia como medicina porque oferece princípios para ensinar a viver bem. No cumprimento desse objetivo, ele articulou uma teoria do conhecimento, que tinha as sensações como critério de verdade, com a formação do homem feliz, propósito principal de seu Jardim-escola. Ele não concebeu o conhecimento como uma teoria, mas principalmente um saber para a vida cuja finalidade era ensinar a todos a viver bem. Para isso, os princípios éticos e formativos da doutrina epicurista estão contidos no livro X de Diôgenes Laértios, em *Vida e doutrina dos filósofos ilustres*. Suas *Máximas principais* e *Sentenças Vaticanas*, contém fragmentos essenciais para compreender a doutrina epicurista, nos referidos aspectos. O que justifica o estudo de sua proposta doutrinária é o fato dela defender a utilidade da filosofia como meio para edificar a vida, princípio válido em todos os tempos.

Palavras-chave: Conhecimento; Formação; Epicuro; Felicidade.

Abstract

This text has the purpose of reflecting on the thought of Epicurus of Samos, from his understanding of philosophy and its relationship with knowledge and happiness. In his Garden, the *kepos*, Epicurus assumed that philosophy is useful insofar as it provides the means to guarantee happiness to its practitioner. This is understood as the absence of suffering, especially those stemming from our mistaken opinions about the deeds of the gods, death, and pain. That is why the Garden Master proposed philosophy as medicine because it offers principles for teaching how to live well. In pursuit of this goal, he articulated a theory of knowledge, which had sensations as a criterion of truth, with the formation of the happy man, the primary purpose of his kindergarten. He did not conceive of knowledge as a theory, but rather a knowledge for life whose purpose was to teach everyone to live well. For this, the ethical and formative principles of the Epicurean doctrine are contained in the book X of Diogenes Laërtius, in *Life and Doctrine of the Illustrious Philosophers*. Its main *Maxims* and *Vatican Sentences* contain essential fragments for understanding the Epicurean doctrine in these respects. What justifies the study of its doctrinal proposal is that it defends the usefulness of philosophy to build life, a principle valid always.

Keywords: Knowledge; Formation; Epicurus; Happiness.

¹ Doutor em Educação (UEM). Professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC-PR) e do Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR).

² Doutor em Filosofia (PUC-SP). Professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC-PR) e do Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR).

Introdução

A ocasião da *Jornada de Estudos Antigos e Medievais* (UEM, Maringá-Pr), coordenada pela professora Dr^a Terezinha Oliveira, em sua 18^a edição, convida-nos a pensar autores/obras clássicas. Põe ao alcance do público acadêmico, especializado ou não, reflexões sobre o fenômeno formativo. A longevidade do referido evento, mostra a sua relevância e importância por retomar, histórica e filosoficamente, a construção do pensamento educacional em suas diversas matrizes teóricas e fontes primárias, e de maneira interdisciplinar. Ao nos propormos retomar um autor ou obra tidos como clássicos, qualquer que seja sua natureza e tempo histórico, é porque consideramos que a formação dos antigos gregos não pode ficar indiferente à contemporaneidade, uma vez que somos dessa longa tradição, tributários.

É a partir dessa perspectiva que consideramos Epicuro de Samos (341 – 270 a.C.) fundamental e objeto deste estudo. A partir dele, situado no contexto do helenismo grego, período caracterizado por profundas transformações sociais, discute-se sobre a formação do que ele considerou ser uma pessoa feliz. Ao enfrentar as adversidades de seu tempo, Epicuro fundou uma comunidade e nela elaborou os componentes formativos necessários para garantir aos seus discípulos uma vida feliz. Na promoção desse objetivo, propôs reorientar a filosofia atribuindo a ela o papel de “medicina da alma”. Sua utilidade não consistia na especulação teórica, mas em fornecer os “remédios”, isto é, os meios para superar os incômodos que tornariam a condição humana sofridora. Ela se definiu, no entendimento de Pierre Hadot (2014), como um modo de vida, uma espiritualidade e uma terapêutica.

Por esse motivo, Epicuro elaborou uma proposta formativa cujo fim era garantir aos que frequentassem seu Jardim, uma vida simples e serena. Tais ideias e valores defendidos por sua doutrina podem ser reconhecidos nos poucos escritos que dele restaram: o primeiro texto que contém suas cartas, foi redigido por Diôgenes Laêrtios, em *Vida e doutrina dos filósofos ilustres*, livro X Nele, a *Carta a Meneceu* e a *Carta a Heródoto* oferecem-nos aspectos fundamentais da doutrina epicurista, entre outros textos e fragmentos atribuídos a Epicuro. As chamadas *Máximas principais* e as *Sentenças Vaticanas*, contém princípios essenciais para o entendimento da utilidade da filosofia e sua relação com o conhecimento e a ética hedonista, essenciais para a formação, tal como nos propomos refletir.

O pensamento epicurista: o saber e a felicidade na formação do homem feliz

Na *Carta a Meneceu*, seu autor, Epicuro, sentenciou que a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho. Sua afirmação é cheia de sentido porque sugere que a utilidade dela é universal: se aplica a todos porque a todos pertence a condição de conquistar a vida feliz. Essa perspectiva defendida pelo filósofo do “Jardim”, nascido em 341 a.C., na ilha grega de Samos, nos remete para novos desdobramentos que a atividade filosófica alcançou, sobretudo, no conjunto das mudanças sociais experienciadas pelos gregos. A esse respeito, as conquistas territoriais conduzidas pelo macedônio Filipe I e, posteriormente, por seu filho Alexandre Magno, foram cruciais para os gregos na medida em que contribuíram para alterar sua tradicional organização econômica, social e cultural. Em face das circunstâncias apresentadas, o epicurismo se posicionou ao defender um modo de vida cuja felicidade era a meta a ser alcançada na comunidade fundada pelo mestre do “Jardim”, motivo pelo qual é possível pensar que ele propôs uma ação formativa.

Para a compreensão do objetivo proposto por este texto, cumpre afirmar que a vitória macedônica, na Batalha de Queroneia, em 338 a.C. transformou substancialmente a vida dos gregos, que passaram da condição de cidadãos à de súditos de um rei estrangeiro. Os gregos, orgulhosos de pertencerem à *pólis* que conferia ao cidadão *autonomia* política e *isegoria*, isto é, a igual participação da palavra no centro político, a *ágora*, perderam aquilo de que mais orgulhavam, a liberdade. Essa foi uma condição humilhante para cidadãos habituados a se vangloriar de sua autonomia e da posse da liberdade (SPINELLI, 2009). Nesse caso, a conquista de Alexandre, impactou não apenas no sentido militar: contribuiu para dissolver a *pólis* em todos os sentidos e redefinir o que Reale (1994) considerou a vida espiritual dos helenos. As virtudes cívicas, valorizadas por filósofos como Platão e Aristóteles, que pensaram a relação entre a política e a ética nos projetos filosóficos que teorizaram, cederam espaços para novos conteúdos. O homem, portanto, perde seu valor cívico pois todas as decisões relativas à coisa pública são tomadas sem a sua contribuição; a vida dos novos Estados, afirma Reale, desenvolve-se independentemente do seu querer e a paixão pela vida pública se esvazia. Para esse historiador italiano da filosofia, os gregos, não tendo mais como recorrer à cidade, ao *ethos* do Estado, aos seus valores para apelar, foram levados a fechar-se em si mesmos, a buscar no seu íntimo as novas energias, os novos conteúdos morais e novas metas para uma vida serena, autônoma e feliz, em face de uma sociedade que havia colapsado.

É nesse contexto e pensamento, portanto, que se estabeleceu a doutrina epicurista: no desmonte da sociedade e da *polis* que os gregos tinham como referência, ele propôs uma doutrina filosófica que se esmerava em proporcionar uma orientação (doutrinária) para o

indivíduo. Consubstanciado às circunstâncias históricas, Epicuro propôs uma reforma filosófica-formativa que pudesse preparar o indivíduo para uma realidade que se pôs para o grego. Diferentemente de Platão, que encarou um desafio semelhante no período de Péricles, Epicuro não estava disposto a aceitar o sacrifício do indivíduo ao Estado, tal como sugerido na República, de Platão (FARRINGTON, 1968).

Se Platão procurou elaborar uma filosofia que tinha entre seus objetivos formar o filósofo, o homem sábio e temperante, para dirigir o Estado a partir de um modelo tido como ideal, Epicuro estabeleceu outra via. Na busca por serenidade, preferiu o recolhimento e a simplicidade, valores que sugeria aos seus discípulos. De fato, Diôgenes Laêrtios (1987, X, 10), a quem se atribuiu a condição de ser uma espécie de biógrafo dos ilustres filósofos e suas doutrinas, parece confirmar o fato de que ele não participou da vida política, mas procurou dela se afastar por considerá-la tumultuada. Com efeito, “o sábio não participará da vida pública” (EPICURO, 1988, p. 19) porque sua vida deve ser livre e autárquica. A vida autárquica é incompatível com a vida pública e com os valores que a sustentam. O sábio, sob esse ponto de vista, é aquele que realiza um movimento de afastamento em relação à vida pública e outro movimento em direção às relações equilibradas privadas (SILVA, 2018, p. 114).

Na realização de uma meta que considerava possível, a de “viver ignorado”, livre, no exercício da filosofia, Epicuro comprou uma propriedade, o *kepos* (Jardim) e nela viveu uma vida simples e modesta, junto com os amigos que vinham de todas as partes para vê-lo. O *kepos*, na verdade, não era propriamente um parque, mas uma horta, útil para a alimentação frugal dos que ali se recolhiam, em convivência amigável junto ao mestre e inteiramente apartados das preocupações e distúrbios da *polis*. Desse lugar, passam a sair livros, panfletos e cartas do mesmo modo em que os discípulos vão difundir a doutrina por toda parte (PESSANHA, 2007). O *kepos* era um lugar, uma espécie de escola (*skholê*)³ cujas atividades estavam orientadas para praticar um modo de vida que não era apenas intelectual. Miguel Spinelli entendeu que no Jardim, Epicuro cultivava apenas a liberdade, fundada no dever ser e no fazer o que é natural e racionalmente devido, e não a vida dissoluta, a libertinagem e a desordem (SPINELLI, 2013).

Por esse motivo, em Epicuro, reconhecemos uma atitude formativa, o “remédio” necessário para viver feliz, já que entendia a filosofia como medicina da alma. A partir de seu “Jardim” – o *kepos* -, junto aos seus discípulos, Epicuro propôs novas metas para o ser humano,

³ Escola se refere como a instituição e como tendência doutrinal. Elas eram ginásios, a exemplo da Academia e do Liceu, ou em outros lugares públicos como a *Stoa Poikilê* (o Pórtico), nos quais era possível reunir-se para ouvir conferências ou discutir. A escola tomou precisamente seu nome do lugar de reunião. Abertas ao público, entre os que frequentavam a escola, distinguem-se os simples ouvintes e o grupo de verdadeiros discípulos (HADOT, 2004).

orientadas para oferecer as condições de uma vida feliz porque considerava que essa qualidade estava no indivíduo e não na *pólis*. Com efeito, a doutrina de Epicuro pode ser caracterizada como uma constante busca por serenidade, a *ataraxia*, isto é, um espírito tranquilo capaz de suportar as mazelas que a vida política poderia proporcionar a qualquer um. Por isso, seu *kepos* era afastado das perturbações próprias da vida urbana e dos ideais cosmopolitas instaurados por Alexandre Magno. Por esse motivo, sua filosofia assumiu orientações distintas daquelas apresentadas principalmente por Platão, a quem se opôs, sobretudo, ao discordar da metafísica, expressa na alegoria da segunda “navegação”, no *Fédon*.

Em primeiro lugar, a filosofia de Epicuro se notabilizou por assumir a missão de libertação daquilo que aflige a condição humana. Ela, no entendimento do mestre do “Jardim”, deve proporcionar os remédios – o *tretraphármakos* - para livrar a todos dos males, que estão em nosso interior e nos dominam. Os males são resultantes da nossa equívoca interpretação de suas causas, isto é, atribuímos uma realidade ao que não compreendemos adequadamente. E não entendemos o fato de que o sofrimento resulta das perturbações provocadas pelas opiniões que temos a respeito dos deuses, da morte e do modo como encaramos a dor, por isso, recomenda Epicuro (1988), devemos servir à filosofia para que possamos alcançar a verdadeira liberdade, pois cabe a ela a incumbência de nos libertar das paixões da alma e dissipar nossos temores, tal como pode ser reconhecido em seus escritos:

O ser bem-aventurado e imortal não tem incômodos nem os produz aos outros, nem é possuído de iras ou de benevolências, pois é no fraco que se encontra qualquer coisa de natureza semelhante. Habitua-te a pensar que a morte nada é para nós, visto que todo o mal e todo o bem se encontram na sensibilidade: e a morte é a privação da sensibilidade. É insensato aquele que diz temer a morte, não porque ela o aflija quando sobrevier, mas porque o aflige o prevê-la: o que não nos perturba quando está presente inutilmente nos perturba também enquanto o esperamos. O limite da magnitude dos prazeres é o afastamento de toda a dor. E onde há prazer, enquanto existe, não há dor de corpo ou de espírito, ou de ambos (EPICURO, 1988, p. 13-14).

Esse entendimento de Epicuro nos possibilita compreender o fato de o temor que temos dos deuses, o incômodo da morte, o febril desejo por prazeres e as dores físicas ou psicológicas, expressões que podem ser reconhecidas nas *Máximas Principais* e nas *Sentenças Vaticanas*, seriam injustificáveis e frutos de nossa má interpretação da natureza. Os deuses não podem interferir no destino humano e nos servem apenas como modelo de vida; a morte nada é porque o que está decomposto é insensível, e a insensibilidade é o nada para nós (EPICURO, 2015, II, p. 70). A dor, por sua vez, se for breve é suportável e se for aguda logo morremos, privados de qualquer sensação.

A dor contínua não dura longamente na carne. A que é extrema permanece muito pouco tempo, e a que ultrapassa um pouco o prazer corporal não persiste muitos dias. Quanto às doenças que se prolongam, elas permitem à carne sentir mais prazer do que dor (EPICURO, 2015, IV, p. 73).

De fato, Epicuro compreende a fragilidade da vida, mas também os meios para garantir uma vida serena: em sua afirmação “todo desejo incômodo e inquieto se dissolve no amor da verdadeira filosofia” (EPICURO, 1988, p.13). E a verdadeira filosofia não é a metafísica, mas aquela que deve servir à vida: ela orienta a todos a viver uma vida plena e feliz, sem preocupações, por isso entendeu que ela é ferramenta de promoção do bem viver (MAFFISONI, 2017). Para alcançar essa condição, Epicuro apostou numa teoria do conhecimento, a canônica, que tinha por referência a experiência sensível, único critério válido para diferenciar o falso do verdadeiro: “Se combates todas as tuas sensações, nada disporás de referência nem mesmo para discernir corretamente aquelas que julgas deverem ser rejeitadas” (EPICURO, 2015, XXIII, p. 89).

É a partir desse aspecto que Epicuro entende a condição libertadora do conhecimento, uma vez que os erros são provenientes dos juízos errados e não da sensação (aísthesis, αἴσθησις). Segundo os relatos de Diôgenes Laértios (1987, X, 38), Epicuro, na *Carta a Heródoto*, afirma que o enfoque cognoscitivo deve ser sobre as coisas concretas, sensíveis. No pensamento epicurista, a formação do conhecimento ocorre a partir de quatro noções fundamentais, quais sejam: a sensação, a afecção (páthos), a impressão sensível ou pré-noção (prólepsis) e a projeção imaginária do pensamento (phantastikè epibolè tês dianoías). Esses conceitos tendem a explicar o processo gnosiológico desde que o órgão sensível é afetado, gerando a sensação, que por sua vez se imprime na alma (*psyché*), gerando a memória (*mnéme*) sensitiva, que é a fonte das imagens articuladas pelo pensamento quando as reúne e dá sentido e representação à realidade fenomênica. São estas imagens sensíveis que serão usadas quando o pensamento, por analogia a elas, constrói explicações para os objetos não perceptíveis aos sentidos, mas imaginados pelo pensamento em projeção (SILVA, 2018, p. 19).

Por suposto, é clara oposição ao platonismo que privilegiava o conhecimento das ideias ou essências e notória afirmação epicurista de que a sensação orienta o filósofo para a verdade (alétheia, ἀλήθεια). Ela está, portanto, ao alcance dos olhos, isto é, as sensações são sempre verdadeiras porque captam a realidade material e formam imagens (eídolon, εἶδωλον). Só podemos conhecer aqueles objetos “sólidos” que tocam os nossos sentidos e deles formamos réplicas, imagens gravadas na memória. Dessa maneira, pode-se entender que não está no

horizonte de nossos sentidos o fato de que os deuses interferem no destino humano tanto quanto encontra na nossa percepção o fato de que todos os seres vivos nascem e morrem e, por isso, seria injustificável o medo de um e de outro.

Está, por outro lado, na nossa capacidade (filosófica) de conduzir (formativamente) nossos desejos e prazeres (num cálculo utilitarista) para reduzir as dores e o sofrimento e ampliar o prazer, entendido como *ataraxia*, aquela imperturbabilidade proporcionada pelo exercício filosófico. Em face disso, o mestre do “Jardim” parece ter extraído do conhecimento que podemos ter da natureza os pressupostos que poderiam orientar a formação de todos para a verdadeira felicidade. Ele mostra que a natureza é ordenada e harmônica e que é possível viver a vida com sabedoria, se aprendermos a administrar serenamente as nossas escolhas. É sábio, então, aquele que conhece os limites da vida e sabe que é possível remover o sofrimento proveniente de nossas carências (limites) e conduzir a vida em seu todo para a perfeição, tal como indicou nas *Máximas principais* quando afirmou que conhecer os limites da vida é condição para remover o sofrimento (EPICURO, 2015, XXI, p. 88).

Desse modo, escolher a filosofia é fruto do nosso desejo de viver a vida que se tem, sem transcendência e um fim último a perseguir: a felicidade é empenho diário, na medida em que se esgota o sentido dos dias vividos neles mesmos. A vida é única e não se repetirá para ninguém, tampouco deve ser desprezada (MAFFISONI, 2017). Em face dessa concepção, é preciso reconhecer, como indica seus textos, que a filosofia é simples e acessível a todos porque está ao alcance de qualquer um (homens, mulheres, livres, estrangeiros, escravos, jovens ou velhos) encontrar bem-estar, num efetivo modo de vida possível neste mundo.

Nesse caso, no que concerne à ética, pedra angular da doutrina epicurista, a posição assumida é, basicamente, a do prazer. Na *Carta sobre a felicidade ou a Meneceu* Epicuro (2002) chama a atenção de seu destinatário a entender que o prazer é o início e fim de uma vida feliz. Ele identificou o prazer como o bem primeiro e inerente ao ser humano, em razão do qual pratica-se toda escolha e toda recusa. Mas não é qualquer prazer que Epicuro (2002) identificou como bem primeiro. Em suas formulações, é necessário avaliar todos os prazeres e sofrimentos de acordo com o critério dos benefícios e dos danos. Ele não se refere aos prazeres dos intemperantes (o dos seus críticos e detratores) ou aos que consistem no gozo dos sentidos. Para ele, prazer é ausência de sofrimentos físicos e de perturbações a alma. Não são, então, nem fartos alimentos, banquetes, bebidas, a posse de mulheres e rapazes que tornam a vida doce: é, antes, um cuidadoso exame que investigue as causas de toda escolha e rejeição e remova as falsas opiniões que tomam conta de nosso espírito, perturbando-o.

De acordo com José Américo Motta Pessanha (2007), embora Epicuro considerasse todo prazer como corpóreo, não legitima qualquer tipo de prazer. Faz-se necessário distinguir o verdadeiro prazer daqueles que resultam em pesares ou partem de carências, movendo-se entre insatisfações. Segundo esse estudioso, Epicuro entendeu que havia um tipo de prazer, que é aquele que está em repouso, a meta do sábio. Este não consiste em satisfazer uma necessidade: antes, é eliminá-la para atingir a ausência de dor. Esta espécie de prazer é diferente daquilo que Epicuro chamou de prazer em movimento, que consiste em saciar, por exemplo, a sede. Desse modo, o sábio é aquele que aprende administrar prudentemente os desejos para manter-se nos limites impostos pela natureza, enquanto caminho que conduz à verdadeira felicidade.

Não por acaso, Epicuro (2015, 31, 44, p. 29) considera que “a veneração por um sábio é um grande bem” porque ele aprendeu a ter o maior tesouro, depender de si mesmo, eliminando o supérfluo. Para remover os obstáculos que impedem a vida feliz e serena, basta a prudência, afirma Epicuro na *Carta a Meneceu*: ela é o princípio e o supremo bem, razão pela qual é mais preciosa do que a filosofia. Dela, originam as virtudes e nos ensina que não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça (EPICURO, 2002). Resulta daí a função do sábio epicurista: é aquele que, por meio da filosofia, sabe aplicar o quadruplo remédio para adquirir a paz de espírito e a felicidade, que nada nem ninguém pode corromper. O sábio é imperturbável (REALE, 1994). De fato, na *Carta a Meneceu*, Epicuro (2002) considerou que o sábio não desdenha viver, nem teme deixar de viver: viver não é um fardo e não-viver não é um mal. Por isso, ele opta por uma vida serena, simples, moderada e autossuficiente (autárkeia, αὐτάρκεια), isto é, ter capacidade de bastar-se a si mesmo.

Tais condições sugerem que Epicuro, em sua escola, defendeu o pressuposto de que todos podem alcançar uma postura sábia, que é a de desfrutar uma vida sem incômodos. Os meios para isso, estavam no exercício filosófico praticado cotidianamente. Por isso, rejeitou um saber enciclopédico e elaborou poucos princípios doutrinários, de linguagem simples. Com efeito, Pierre Hadot (2004) afirmou que os discursos de Epicuro eram postos à disposição do discípulo sob a forma escrita, para que este pudesse aprender de cor. O ensino começava com a leitura e a memorização de breves resumos da doutrina do mestre, apresentada sob a forma de sentenças curtas para, em seguida, os alunos tomarem conhecimento de resumos mais desenvolvidos, a fim de não perderem os detalhes do que se ensinava e o que se formava era, enfim, o fato de que a filosofia se aplica a todos indistintamente porque cabe a todos a felicidade.

Para Epicuro, finalmente, a tarefa fundamental da filosofia, a sua utilidade, consiste em tornar a vida humana possível: vale como atividade curativa, um remédio que se bem praticado e conduzido possibilita, a quem a ela se dedica, uma vida feliz. Mas isso não é

alcançado sem o esforço e cuidadoso trabalho dos que perseguem uma vida boa. Viver feliz não constitui na posse de riquezas e na participação de banquetes fartos ou prazeres dissolutos, situação que muitos, em nosso tempo, estabelecem como critério e nem por isso se livram do sofrimento. Ao contrário: é reduzir necessidades de posses, o desejo daquilo que não temos e o afastamento – mediante a necessidade – da vida pública. A filosofia, portanto, é útil porque reeduca ao ensinar regras simples de viver. Educa porque estabelece os ideais de uma convivência pacífica e serenidade espiritual enquanto fruto de uma vida reflexiva, justa e sábia. Educa, porque, enfim, é parte da cultura formativa (*paideia*) proposta por Epicuro ensinar a todos o cuidado em viver e em morrer honestamente, valor certamente universal e atemporal.

Em face disso, é que se afirma o valor de estudar o período helenístico, especialmente o epicurismo e a formação proposta por ele. Apesar da perspectiva longínqua é fundamental inseri-la a no debate do historiador ou filósofo da educação, tal como entendeu Marrou (2017). Isso se deve pelo fato de a tradição grega fecundar nossa tradição, o que confere legitimidade e frutífero o trabalho de reconstruir, tanto quanto possível, a partir das fontes primárias, o passado formativo e suas etapas de mudanças.

Considerações finais

Graças ao esforço de Diôgenes Laértios, conservou-se parte importante das ideias de Epicuro por meio do qual é possível compreender seu itinerário filosófico e formativo. A oposição a Platão, a compreensão da filosofia mais como um modo de viver do que uma teoria, a crítica à superstição religiosa, a canônica, os remédios que indicou aos seus seguidores, são aspectos fundamentais preservados nos escritos e, certamente, cultivados em seu Jardim, local em que residia e recebia seus discípulos.

Neste sentido, seu Jardim parece ter sido não apenas um local em que se praticava hábitos (vida moderada, alimentação equilibrada, entre outros), uma alternativa em face da situação de Atenas, conquistada por macedônios. Ele surge, em muito, em resposta às situações sociais estabelecidas, entre as quais a mudança política e a perda da referência existencial que definia o cidadão como livre. Seu pensamento, em face disso, se posicionou ao defender uma nova postura em relação ao mundo natural e político: recorreu à compreensão da natureza material, atomista, para fundamentar uma ética prazerosa e o cultivo de uma vida moderada, simples. A esse respeito, o conhecimento da *physis* e da vida pressupunha repensar a ordem de valores para indicar ao homem daquele tempo os remédios necessários para superar os medos decorrentes de opiniões equivocadas. Para combater as doenças do corpo e do espírito, Epicuro

propôs uma filosofia que promovia, formativamente, uma postura serena e firme na medida em que ela contribuía para formar a todos para a vida feliz.

Para um momento de transformação social, Epicuro não pretendeu elaborar uma teoria política, tal como seus antecessores Platão e Aristóteles, que vincularam, cada um a seu modo, a política ao sistema filosófico e ético que defenderam. Epicuro indicou outro caminho ao fundar um jardim-escola retirado da vida urbana para preparar os seus discípulos e frequentadores, de todos os matizes sociais, a viver uma vida feliz e serena. Convém destacar que Epicuro era, em certo sentido, um reformador: sua filosofia, mais do que um saber teorizante, era uma atitude em relação à vida porque ensinava, num mundo caótico, a viver bem. O exercício filosófico constituía, portanto, num tipo de resistência e enfrentamento em relação ao que se considerava ser uma época corrupta. Essa é a sua condição vital e utilidade atemporal: repensar os perigos e oferecer os remédios para combatê-los.

Referências

BIGNONE, E. **L'Aristotele perduto e la formazione filosofica di Epicuro**. Firenze: Editrice, 1973, vol. I.

DIÔGENES LAËRTIOS. **Vida e doutrinas dos filósofos ilustres**. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade**: Meneceu. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

EPICURO. **Sentenças Vaticanas; Máximas Principais**. São Paulo: folha de São Paulo, 2015.

EPICURO. **Antologia de textos**: Epicuro, Tito Lucrecio Caro, Marco Túlio Cícero, Lúcio Anaeo Sêneca. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

FARRINGTON, B. **A doutrina de Epicuro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

GUAL, C. G. **Epicuro**. Madrid: Alianza Editorial, 2002.

HADOT, P. **O que é a filosofia antiga?** 2. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HADOT, P. **Exercícios espirituais e filosofia antiga**. São Paulo: É Realizações, 2014.

MAFFISONI, M. A. **Epicuro**: Sabedoria e finitude. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2017, dissertação de mestrado, 127 p.

MARROU, H.-I. **História da Educação na Antiguidade**. Campinas: Kirion, 2017.

PESSANHA, J. A. M. As delícias do Jardim. In. NOVAES, Aauto. **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 78-119.

REALE, G. **História da filosofia antiga**. São Paulo: Edições Loyola, 1994, vol. III.

SILVA, M. F. da. **Termos filosóficos de Epicuro**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.

SPINELLI, M. **Os caminhos de Epicuro**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

SPINELLI, M. **Epicuro e as bases do epicurismo**. São Paulo: Paulus, 2013.

Recebido em	21/09/2019
Aceito em	03/10/2019